



ARTIGO

**ENTRE FRONTEIRAS E REDES:
migração Warao, saúde mental e direitos humanos
em João Pessoa, PB.**

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137entrefronteiras>

Thaís Munholi Raccioni

thaism.raccioni@gmail.com

Graduada em Terapia Ocupacional e Mestranda do Programa de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba

Thiago de Souza Santos

thiagosantopsi8@gmail.com

Mestre em psicologia da saúde pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Psicólogo do Centro Estadual de Referência de Migrantes e Refugiados - CERMIR

Laura Paz de Araújo Silva

laurapazaraujo@gmail.com

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Lanna Carolyna Vieira da Costa

costa.carolyna@gmail.com

Graduada em Psicologia e Mestranda do Programa de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba

Anselmo Clemente

anselmo.clemente@academico.ufpb.br

Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba, pesquisador do Grupo de Pesquisa ApoiaRaps.

Juliana Sampaio

julianasmp@hotmail.com

Professora Titular do Departamento de Promoção da Saúde e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba, vice Líder do Grupo de Pesquisa ApoiaRaps.

Imagem gerada por Inteligência Artificial³³

³³ Esta imagem foi construída pelos autores com o uso de inteligência artificial (chatGPT) reunindo elementos de diversas fotos de abordagens do CERMIR. O desenho na parede, feito por um indígena Warao é um barco que viaja pelo mundo inteiro sob a luz do sol e da lua. Durante uma abordagem do CERMIR numa situação de conflito no abrigo, o homem foi convidado a contar essa história e acrescentou novos elementos: uma casa, cadeira, estrelas e outros elementos simbólicos.

**Entre fronteiras e redes:
migração Warao, saúde mental e direitos humanos em João
Pessoa, PB**

**Between borders and networks:
Warao migration, mental health care, and human rights in João
Pessoa, Paraíba, Brazil**

**Entre fronteras y redes:
migración Warao, atención en salud mental y derechos humanos en**

Resumo

Nos últimos anos, o Brasil recebeu sistematicamente pessoas venezuelanas refugiadas, e entre elas, indígenas Warao. Neste processo, João Pessoa-PB acolhe mais de 600 Warao, o que tensiona a criação do Centro Estadual de Referência a Migrantes e Refugiados (CERMIR), responsável por ações intersetoriais de acolhimento e cuidado. Neste estudo analisamos a experiência do CERMIR na articulação com a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), destacando estratégias e manejos construídos. Trata-se de um estudo cartográfico entre julho/2024 e maio/2025 de imersão no CERMIR, com registro em diários de campo e processamento do vivido à luz dos referenciais teóricos assumidos pelo grupo de pesquisa ApoiaRaps da Universidade Federal da Paraíba. Este processo permitiu problematizar como a RAPS, enquanto rede, oscila entre proteger e punir; acolher e excluir, quando o cuidado, muitas vezes, escorrega para a tutela e a escuta vira protocolo. O CERMIR, em devir agulha, busca costurar encontros, possibilidades, agenciamentos, mas também escorrega e volta. Neste balançar, apesar da criação do impossível encontrar limites em vigas institucionais, pessoas, encontros e redes possibilitam invenções interculturais que SUStentam algum cuidado.

Palavras-chave: Warao, Migrantes Refugiados, Indígenas, Intersetorialidade.

Abstract

In recent years, Brazil has systematically received Venezuelan refugees, including Warao Indigenous people. In this process, João Pessoa, Paraíba, has welcomed more than 600 Warao, which has placed pressure on the creation of the State Reference Center for Migrants and Refugees (CERMIR), responsible for intersectoral actions of reception and care. In this study, we analyze the experience of CERMIR in its articulation with the Psychosocial Care Network (RAPS), highlighting strategies and forms of management developed in practice. This is a cartographic study conducted between July 2024 and May 2025, based on immersion in CERMIR, with records produced through field diaries and the processing of lived experiences in light of the theoretical frameworks adopted by the ApoiaRaps research group at the Federal University of Paraíba. This process enabled a problematization of how RAPS, as a network, oscillates between protecting and punishing, welcoming and excluding, when care often slips into guardianship and listening turns into protocol. CERMIR, in a becoming-needle, seeks to stitch together encounters, possibilities, and assemblages, but it also slips and returns. In this swinging movement, despite the creation of the impossible encountering limits within institutional structures, people, encounters, and networks enable intercultural inventions that sustain forms of care.

Keywords: Warao, Refugee, Migrants, Indigenous People, Intersectorality.

Resumen

En los últimos años, Brasil ha recibido sistemáticamente personas venezolanas refugiadas, entre ellas indígenas Warao. En este proceso, João Pessoa-PB acoge a más de 600 Warao, lo que tensiona la creación del Centro Estatal de Referencia para Migrantes y Refugiados (CERMIR), responsable de acciones intersectoriales de acogida y cuidado. En este estudio se analiza la experiencia del CERMIR en su articulación con la Red de Atención Psicosocial (RAPS), destacando estrategias y manejos contruidos. Se trata de un estudio cartográfico realizado entre julio de 2024 y mayo de 2025, basado en la inmersión en el CERMIR, con registros en diarios de campo y procesamiento de lo vivido a la luz de los referentes teóricos asumidos por el grupo de investigación ApoiaRaps de la Universidad Federal de Paraíba. Este proceso permitió problematizar cómo la RAPS, en tanto red, oscila entre proteger y castigar, acoger y excluir, cuando el cuidado a menudo se desliza hacia la tutela y la escucha se convierte en protocolo. El CERMIR, en un devenir-aguja, busca coser encuentros, posibilidades y agenciamientos, pero también resbala y retorna. En este balanceo, a pesar de la creación de lo imposible encontrar límites en las estructuras institucionales, personas, encuentros y redes posibilitan invenciones interculturales que sostienen el cuidado.

Palabras clave: Warao, Migrantes Refugiados, Indígenas, Intersectorialidad.

Introdução

O deslocamento forçado ao redor do mundo alcançou 120 milhões de pessoas (ACNUR, 2024a), o dobro da quantidade vivenciada dez anos antes. Aproximadamente 7 milhões são de venezuelanos/as, que precisaram migrar em decorrência da intensificação da crise socioeconômica que a Venezuela vem enfrentando na última década (R4V, 2025).

Sabe-se que o Brasil é o terceiro país que mais recebeu essa população, atrás apenas da Colômbia e do Peru. Atualmente há cerca de 568.058 venezuelanos/as radicados/as no país, incluindo solicitantes de refúgio, refugiados/as reconhecidos/as e migrantes com autorização de residência (R4V, 2025). A Operação Acolhida, coordenada pela Força-Tarefa Logística Humanitária (FT Log-Hum), vinculada às Forças Armadas (FAB) do Brasil, foi iniciada em 2018 na fronteira do país, especificamente em Roraima e Amazonas, em resposta a esta alta demanda migratória, desenvolvendo ações de *controle e ordenamento da fronteira, acolhimento e assistência humanitária, e interiorização* (Dároz, 2022).

Em razão da insalubridade e superlotação das unidades de acolhimento, conflitos de convivência, episódios de racismo e violações de direitos humanos, disputa territorial na venda de artesanato, desejo de reencontrar parentes alocados em outras regiões, dentre outros fatores, os/as indígenas Warao³⁴ optam por enfrentar longos trajetos de carona, barco, ônibus e a pé, de forma dissociada da via institucional da Operação Acolhida (ACNUR, 2024b).

Em 2022, foi emitida uma Portaria do Ministério da Cidadania, nº 770, que dispôs sobre o repasse emergencial de recursos federais para a oferta de ações socioassistenciais nos estados e municípios que receberam migrantes e refugiados/as interiorizados/as ou por demanda espontânea (Brasil, 2022). A Paraíba vem sendo um desses estados escolhidos pelos/as venezuelanos/as, onde atualmente totalizam cerca de 611 Waraos (Paraíba, 2022a; Paraíba, 2022b).

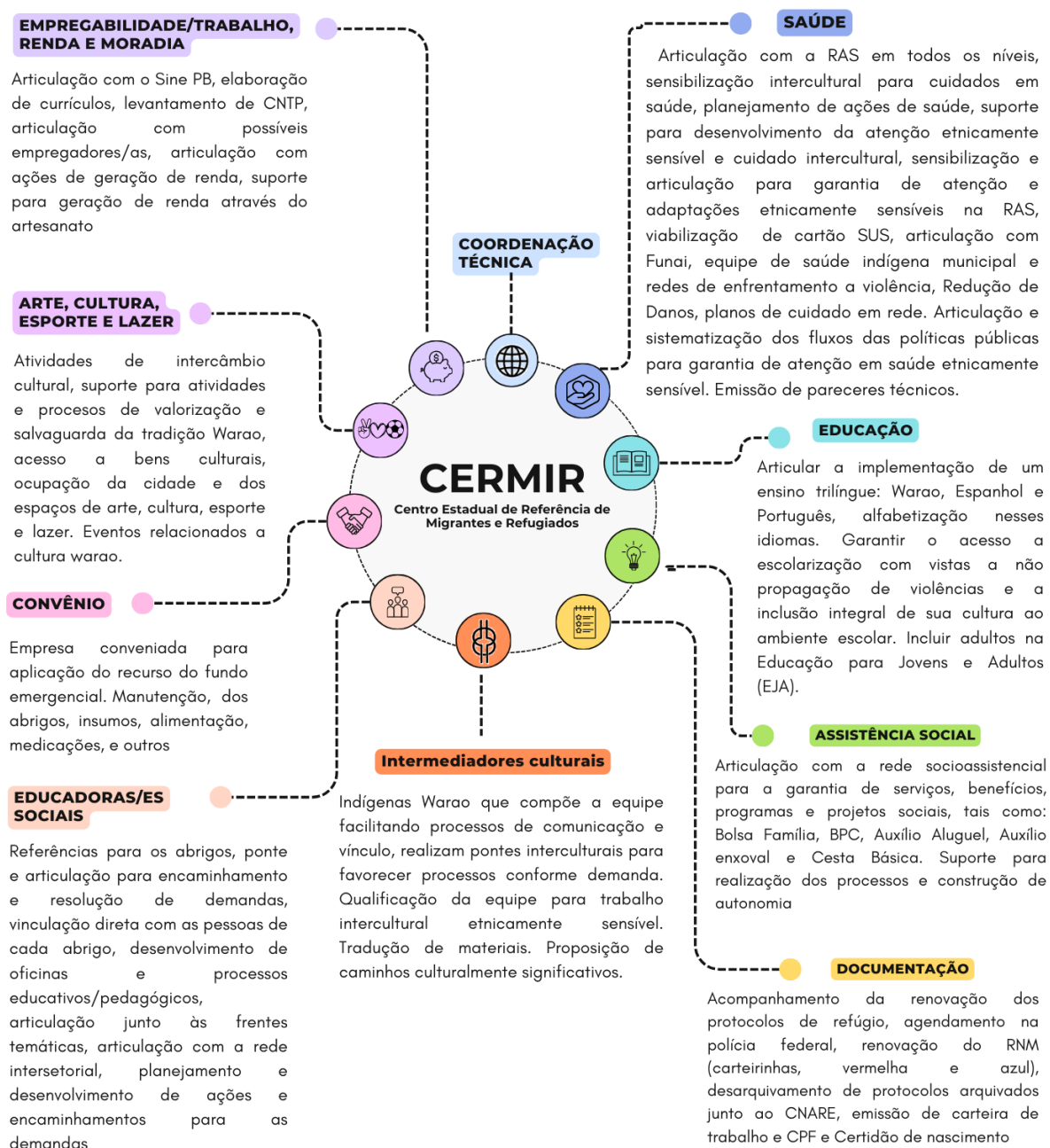
³⁴ Povo indígena originário do delta do rio Orinoco, na Venezuela, cujo nome significa *povo da canoa*. Tradicionalmente organizados em comunidades ribeirinhas, possuem forte vínculo com a vida aquática, práticas de pesca, agricultura, artesanato e mobilidade fluvial. Desde meados da década de 2010, os Warao têm protagonizado processos migratórios forçados para países vizinhos, incluindo o Brasil, em razão de crise humanitária e ambiental, escassez de alimentos, precarização dos serviços públicos e ameaças ao modo de vida tradicional.

Após sucessivas violações de direitos humanos, o Ministério Público Federal (MPF, 2022) acionou a Secretaria de Desenvolvimento Humano do Estado da Paraíba (SEDH-PB), requerendo atuação emergencial. A SEDH, portanto, apresentou um Plano de Ação intitulado *Oferta de Ações Socioassistenciais para Migrantes e Refugiados em Situação de Vulnerabilidade Social na Paraíba, Decorrente do Fluxo Migratório por Crise Humanitária e Acolhimento de Venezuelanos Indígenas da Etnia Warao* (Paraíba, 2022b), ao Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), e o recurso federal pôde, finalmente, chegar ao fundo de assistência social do estado da Paraíba.

Tal articulação respaldou a Gerência Executiva de Direitos Humanos - SEDH a contratar uma equipe mínima interprofissional para iniciar a implementação do Plano de Ação Emergencial. Posteriormente, em 2024, a equipe foi reconfigurada e selecionada de acordo com a experiência, conhecimento e afinidade com o trabalho com migrantes e povos indígenas, sendo composta por: dois motoristas, quatro intermediadores culturais indígenas, dois educadores sociais, três assistentes sociais, dois psicólogos, um antropólogo, uma terapeuta ocupacional e uma advogada — sob a coordenação técnica de um sociólogo. Entre as ações previstas no plano, encontravam-se: instalação do Centro de Referência do Migrante e Refugiado (CERMIR) e articulação intersetorial para ações estratégicas; ampliação e melhoria da infraestrutura das unidades de acolhimentos; e inclusão laboral e acompanhamento pós-abrigamento dos/as migrantes.

O CERMIR funciona como centro de triagem, atendimento emergencial e acolhida provisória de migrantes indígenas Warao. Seu funcionamento se dá por frentes de trabalho: saúde, educação, documentação, assistência social, arte, cultura, esporte e lazer, e empregabilidade, trabalho e renda (Figura 1).

Figura 1: Organização interna do Centro Estadual de Referência de Migrantes e Refugiados:



Sistematização por: Thaís Munholi Raccioni

Fonte: Produção Própria.

As frentes de atuação deste equipamento se estruturam de maneira interdisciplinar, intercultural e intersetorial, a começar pela área da saúde, que envolve ações de promoção, prevenção e vigilância comunitária em saúde, articuladas com equipes da Rede de Atenção à Saúde (RAS), além de mediação comunicativa entre os serviços de saúde e as/os indígenas. A frente de educação realiza intervenções em conjunto com escolas e profissionais da rede de educação, promovendo o ensino intercultural voltado ao povo Warao, com ações que abrangem desde a educação básica até o Ensino de Jovens e Adultos (EJA). A frente de assistência social atua na articulação com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), por meio da rede socioassistencial de João Pessoa e do estado da Paraíba, especialmente no que diz respeito ao acesso a benefícios e direitos sociais por parte do povo Warao. Já a área de documentação abrange todo o apoio necessário à regularização documental dos migrantes, com destaque para a mediação junto a serviços jurídicos e cartoriais. As ações de arte, cultura, esporte e lazer visam promover o intercâmbio cultural e a valorização das tradições Warao, fortalecendo a identidade cultural desse povo no contexto do acolhimento brasileiro. Por fim, a frente de empregabilidade, trabalho e renda oferece apoio aos/as migrantes interessados/as em exercer atividades laborais, por meio de iniciativas que vão desde o incentivo ao artesanato tradicional até a elaboração de currículos e encaminhamentos para oportunidades de geração de renda.

Apesar dos avanços institucionais na Paraíba e da ampliação de políticas voltadas ao acolhimento de migrantes indígenas Warao, ainda são escassas as produções que examinam, a partir do cotidiano dos serviços, como as equipes interprofissionais têm construído estratégias de cuidado e articulações intersetoriais diante de desafios complexos, como barreiras linguísticas, tensões interculturais, trajetórias migratórias contínuas e violações persistentes de direitos. Nesse cenário, compreender os modos de funcionamento do CERMIR e os manejos produzidos em sua interface com a Rede de Atenção à Saúde torna-se fundamental para ampliar o debate sobre práticas de cuidado intercultural, orientar políticas públicas e dar visibilidade às invenções cotidianas dos trabalhadores e trabalhadoras que atuam na linha de frente desse processo.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo de abordagem cartográfica, compreendida aqui como um método que acompanha processos e produz conhecimento a partir do próprio plano da experiência, tal como proposto por Passos e Barros (2009) e aprofundado por Kastrup e Passos (2013). Considerando o conjunto de responsabilidades do CERMIR, o objetivo deste trabalho é analisar a experiência de trabalho de sua equipe, em especial na frente “saúde”, em articulação com a rede de atenção psicossocial (RAPS), destacando estratégias e manejos por ela construídos.

A pesquisa envolveu a imersão de três pesquisadores/as no CERMIR-PB, entre julho de 2024 e maio de 2025. Os dados foram produzidos mediante análise das implicações dos/as pesquisadores/as em campo, considerando que o pesquisador integra e é afetado pelo território que investiga, sendo dois deles técnicos/as atuantes no próprio CERMIR. Utilizaram-se diários cartográficos como dispositivo de registro das experiências, dos encontros e afetações, que compuseram o processo da pesquisa.

Ventilamos neste trabalho agenciamentos produzidos pela equipe do CERMIR em interlocuções possíveis com a RAPS, mais especificamente com um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), e com uma Unidade de Acolhimento Adulto (UAA). Partindo de Nego Bispo (2015) e da sabedoria da terra, o relato é tecido à luz da lógica *início-meio-início*, produzindo conhecimento circular e afetivo, na medida em que a presença Warao em João Pessoa ainda vem se estabelecendo como um processo, e sequer nos seria possível narrar experiências de trabalho de maneira demasiadamente conclusiva, ou linear, como comumente é visto em produções *início-meio-fim*.

O vivido e o registrado foram processados coletivamente em reuniões do grupo de ensino, pesquisa e extensão intitulado *Apoia RAPS*, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, onde a experiência era analisada à luz dos referenciais teóricos assumidos no presente estudo.

Os resultados foram alinhavados a partir do cruzamento da experiência de manejo de três histórias marcantes que atravessaram os/as profissionais/pesquisadores no encontro com os/as indígenas e os serviços. Os três indígenas são jovens de 17 a 29 anos, da etnia Warao, do sexo masculino, residentes em unidades de acolhimento na Paraíba desde aproximadamente 2021 e em fluxo migratório no Brasil desde 2016.

Este estudo é um recorte da pesquisa Práticas e saberes que vêm das margens: produção de cuidado em territórios de João Pessoa que foi aprovada no Comitê de Ética do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba, sob o CAAE: 79612124.2.0000.8069.

Resultados e Discussão

*“Antes caminhávamos na utopia
Agora, os/as Warao coletam
os louros que jazem da RAPS
E passam a dormir na rede
mesmo que no serviço não haja parede.”
(Thaís Munholi e Thiago Santos)*

Tessituras do desencontro

O povo Warao, navegante de deltas e diásporas, incide atualmente em uma realidade urbana, e traz em sua canoa não apenas corpos em deslocamento, mas cosmologias inteiras — modos de cuidar, viver, morrer, sofrer e resistir. Estudos da ACNUR (2024b) evidenciam que os protocolos de cuidado da etnia possuem uma malha explicativa assentada em cosmologia espiritual própria e bastante complexa. Trazem na canoa a memória líquida de uma vida comunitária que resiste e pulsa — mesmo que nas margens secas das políticas públicas brasileiras.

Uma etnia em rede e um sistema em teste, os Warao, em sua travessia, mobilizam sentidos, desconstroem e revelam as engrenagens enguiçadas de uma RAPS, que embora operada pela estabilidade, tem sido provocada a construir uma política do comum (Teixeira, 2015), a partir da fluidez de um povo em constante movimento.

A experiência junto às/aos Warao revela a fragilidade do cuidado diante da diferença radical. Por meio do sofrimento psíquico e social do sujeito racializado, emerge um espelho — onde a rede se vê, não como deveria ser, mas como realmente é. A violência epistêmica (Segato, 2021), manifestada quando os conhecimentos e experiências de grupos racializados são deslegitimados, contribuindo para a hegemonia de uma racionalidade eurocêntrica nas políticas públicas, produz barreiras no acesso aos serviços, desafiando todos/as envolvidos/as. A presença indígena expõe a arquitetura da rede: com seus vãos e vigas, protocolos e portas fechadas, promessas e esquecimentos.

No manejo com essa população, não estamos apenas diante de uma demanda de saúde mental, mas de um vetor desterritorializante que convoca a clínica, a política e o território a se refazerem. Não é apenas fissura, é linha de fuga, ruptura que explode as segmentaridades — culturais, institucionais, epistemológicas. (Deleuze & Guattari, 2012) A presença Warao, ao não caber no molde, exige que o molde se refaça e crie novos vocabulários. Assim, a grande política — aquela pactuada com a colonialidade (Quijano, 2014), precisa se a ver com invenções moleculares, desvios e brechas. E quanto mais tenta se solidificar, mais precisa lidar com os fluxos de corpos dissidentes que a contestam (Guimarães & Ribeiro, 2016).

A RAPS, ao se deixar afetar, pode compor territórios, incluindo os Warao; mas para isso, precisa ser permeável; escutar sem traduzir demais, sustentando o incômodo - não como erro, mas como motor de transformação, e o que é impossível. Para ilustrar os entraves de composição, evocamos duas cenas analisadoras que se relacionam com o uso de álcool e outras drogas, que dão visibilidades a acessos e barreiras na RAPS.

A cama era rígida. Cabe uma rede?

O primeiro caso iniciou quando a equipe do CERMIR foi acionada para uma urgência. O rapaz já havia passado por uma escuta no CAPS mas hesitava entre o desejo do cuidado e o receio de um novo *acolhimento*. No dia que, finalmente, o levamos ao CAPS, numa escuta compartilhada (antropólogo, terapeuta ocupacional, intermediador cultural do CERMIR e psicóloga do CAPS), foi suscitada uma vivência de múltiplos lutos.

Acolhido no serviço, os primeiros dias de adaptação ilustram um importante tensionamento: O Sistema de cuidado foi desenhado para quem? A alimentação padrão, além de não o contemplar, o fez passar mal por uma semana. A língua não lhe traduzia. Os rituais biomédicos não dialogavam com sua cultura. A cama era rígida. “Cabe uma rede?”. Os efeitos colaterais dos medicamentos eram perturbadores. Tudo gritava a diferença e a dificuldade em realizar uma atenção diferenciada e etnicamente sensível.

A atenção psicossocial com refugiados/as deve sustentar o acesso a direitos, viabilizando assistência social, saúde, renda, moradia digna, etc, mas sobretudo, garantir a singularização das ofertas (ACNUR, 2024b; Costa, 2022). Apesar de tentativas de cuidado intercultural, o encontro entre o sujeito-Warao e o dispositivo CAPS evidencia uma linha de fratura que revela muito mais do que o desencaixe entre um corpo e uma estrutura. É uma infiltração molecular que atravessa estratificações duras da rede e opera como analisador do que há de mais molar em nossas políticas públicas. O modo como elas sustentam, silenciam e, por vezes, capturam a diferença (Deleuze, 1996; Guimarães, 2016).

O Warao quer ser pai

Numa segunda cena, um Warao, residente numa Unidade de Acolhimento Adulto (UAA), desejava voltar para seus filhos em casa. Seguindo essa trilha, ele tentava reorganizar sua vida; com auxílio do Bolsa Família, comprou roupas para as crianças e um celular. Tentou se “reconectar”, mas até o chip recusou seu CPF. O cuidado se fragmentava — o psicólogo não pôde acompanhá-lo até o centro e os contatos caíram na caixa postal. Na rede de apoio faltava equipe, vaga e tempo. Ainda assim, o Warao encontrou a Escola Redução de Danos. Sonhando em ser intermediador cultural, queria transformar sua história em referência para seus pares. Queria protagonismo; desejava reconstrução. Mas a assistência não é linear, e as descontinuidades são características no cuidado em saúde.

Na passagem do ano ele vai para casa encontrar os filhos, mas uma cena explode em denúncia: Alcoolizado, ele fere, invade e fura a coletividade. O pai cuidador vira ameaça. A rede silencia para proteger.

A paternidade, antes sonho de reconstrução, vira ausência decretada. A rede respira, reflete, e tenta retomar o cuidado, mas confunde-se no discurso de que o “usuário regrediu”. O CERMIR contra-argumenta: Ele permanecia no trabalho (prestes a assinar a carteira), mantinha uma namorada e o desejo de alugar uma casa - havia um projeto de vida em curso. Mesmo nesse convite para SUSstentar o processo, a UAA declara alta administrativa e os fios do diálogo em rede são cortados.

Nessa costura, o CERMIR surge como agulha viva nos furos do cuidado, traçando caminhos, facilitando escuta diferenciada, produzindo pontes entre desejo e realidade, furando barreiras em ações intersetoriais. São construídas parcerias com atores que, embora institucionalmente silenciados, tecem alinhavos inventivos a partir de micropontos e olhares múltiplos.

Furos no muro e efeitos da produção de cuidado

O cuidado é uma aposta, e nela o CERMIR se localiza a partir da coabitação, estabelecendo trocas que viabilizem uma assistência molecular em estruturas rígidas e pouco porosas. São tentativas constantes de furar muros (Merhy et al, 2016), que, mesmo em um cenário de desmonte radical, têm cumprido um importante papel. Afinal de contas, se não houvesse a construção de alguma política do comum (Teixeira, 2015), ou efeitos significativos derivados da encruzilhada do cuidado, por que os Warao continuariam escolhendo João Pessoa como rota crescente?

É importante valorizar os casos de fortalecimento da autonomia e protagonismo dos indígenas, que apoiados pela rede, vêm elaborando sofrimentos e ventilando projetos de vida. Um, que não se lembrava como segurar no lápis, deseja conhecer a escola onde outros estudam. Outro decidiu retomar a paternidade e mudar-se para uma casa. O outro retomou o casamento e maneja questões da separação.

A partir da escuta, mesmo que frágil, no CAPS tem sido possível inserir os Warao, com dificuldades, em grupos terapêuticos, produzindo espaços comuns com outros/as usuários/as. Ideias interculturais são fomentadas, como quando nas encruzilhadas alimentares, sugeriu-se que um Warao cozinhasse e compartilhasse o alimento com os/as demais usuários/as.

Ou quando num dia de grupo, na sala de atividades, o Warao provoca o CAPS a compor com outros *sonidos*: no português, no espanhol e no Warao. Assim, nas margens do cotidiano, reviram-se as normas da RAPS, para garantir seus princípios estruturantes; tendo o CERMIR como retaguarda significativa aos planos de vida: “Se você for comigo, eu vou nessa entrevista de trabalho”.

Mas às vezes a criação do impossível encontra limites em vigas institucionais. Diante da falta do balanço das camas, sugerimos: Vamos colocar uma rede, eu trago um armador! Alguém chegou a considerar, verdadeiramente, a possibilidade, mas depois recuou: Não, a parede não aguenta. Mas, na verdade, qual “parede” não aguentava? O Warao dormiu no chão, e nesse dia o CERMIR garantiu produtos de limpeza, roupas, travesseiro e lençóis.

Apesar disso, é válido reconhecer que muitas barreiras são fruto do desmonte do SUS, na medida em que há profissionais interessados, mas que precisam de apoio institucional e políticas públicas consistentes; e que muitos Warao protagonizam a busca por moradias, escolas, geração de renda, e em parcerias, vêm ocupando brechas rumo à equidade.

Considerações finais

A experiência dos/as Warao revela a fragilidade do cuidado diante da diferença radical, onde a RAPS oscila, e oferta acesso como barreira (Merhy, 2016). Neste contexto, o CERMIR aparece como agulha viva na encruzilhada do cuidado, reconhecendo e tecendo encontros com profissionais afetivamente disponíveis para a invenção de impossíveis, assumindo uma aposta ética, estética e política, para um cuidado etnicamente sensível.

Neste estudo, a cartografia das narrativas e vivências de trabalhadores-pesquisadores, permitiu compartilhar reflexões sobre o cotidiano de trabalho e os saberes relacionados à práxis. Os diários cartográficos, com registros das experiências e afetações, e seu processamento coletivo, foram centrais para este texto.

Assim, nas costuras de redes balançantes, invocamos o que motiva a composição inventiva do cuidado, na busca e na defesa do encantamento - da vivacidade:

Os sobreviventes podem virar “supraviventes”: aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de serem apenas reativos ao outro e irem além, armando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro (Simas & Rufino, 2020, p. 6).

Referências

- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados [ACNUR]. (2024a). *Os Warao no Brasil: Contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes* (2ª ed. rev. e ampl.). ACNUR.
- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados [ACNUR] (2024b). *Total de deslocados à força no mundo chega a 120 milhões*. ONU News. Recuperado em 8 março de 2025, de <https://news.un.org/pt/story/2024/06/1833121>
- Bispo dos Santos (Nego Bispo), A. (2015). *Colonização, quilombos: Modos e significações*. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa.
- Brasil. Ministério da Cidadania. (2022). *Portaria MC nº 770, de 29 de abril de 2022*. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 14. <https://aplicacoes.mds.gov.br/snas/regulacao/visualizar.php?codigo=6064>
- Costa, L. C. V. (2022). *Notícias da Bajuka: Percalços e pistas na produção de saúde mental indígena Warao em João Pessoa a partir de relato de experiência de estágio*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba — Orientador: Anselmo Clemente]. Repositório Institucional da UFPB.
- Daróz, C., & Celestino, S. (2022). *Operação acolhida: A força-tarefa logística humanitária e o apoio aos imigrantes venezuelanos*. Biblioteca do Exército.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2012). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (1996). O que é um dispositivo. In E. Cordeiro (Trad. e prefácio), *O mistério de Ariana* (pp. 80–85). Lisboa: Editora Vega/Passagens.
- Guimarães, I. V., & Ribeiro, V. (2016). Notas para pensar o sujeito: Geografia humanista com Deleuze e Guattari. *Revista Abordagem Gestáltica*, 22(2), 156–161.
- Kastrup, V., & Passos, E.. (2013). Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal: Revista De Psicologia*, 25(2), 263–280. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004>
- Ministério Público Federal (2022). MPF pede na Justiça início imediato de atendimento no SasiSUS para indígenas warao refugiados na Paraíba. Site do Ministério Público Federal. <https://www.mpf.mp.br/pb/sala-de-imprensa/noticias-pb/mpf-pedena-justica-inicio-imediato-de-atendimento-no-sasisus-para-indigenas-waraorefugiados-na-paraiba>
- Merhy E. E., Baduy R.S., Seixas C.T., Almeida D.E.S., Slomp Júnior, H. (2016). Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: Surpreendendo o instituído nas redes. Rio de Janeiro: Hexis.

Paraíba. (2022a). Experiência da Paraíba no abrigamento de indígenas Warao é destaque em publicação nacional. *Portal do Governo da Paraíba*.

<https://paraiba.pb.gov.br/noticias/experiencia-da-paraiba-no-abrigamento-de-indigenas-waraos-e-destaque-em-publicacao-nacional>

Paraíba. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano. (2022b). *Oferta de ações socioassistenciais para migrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade social na Paraíba, decorrente do fluxo migratório por crise humanitária e acolhimento de venezuelanos indígenas da etnia Warao*. Governo da Paraíba. Documento impresso.

Passos, E., & Barros, R. B. D. (2009). A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (orgs.). *Pistas do método da cartografia* (Pista 1, pp. 17-31). Porto Alegre, RS: Sulina.

Quijano, A. (2014). Colonialidade do poder e classificação social. In Santos, B. S. & Paula, M. M. *Epistemologias do Sul*. Cortez

R4V. (2025). *Plataforma de coordinación interagencial para refugiados y migrantes de Venezuela*. Recuperado em 8 março de 2025, de <https://www.r4v.info/>

Segato, R. L. (2021). *Crítica da colonialidade em oito ensaios – e uma antropologia por demanda* (D. Gontijo & D. Jatobá, Trans.). Bazar do Tempo.

Simas, L. A., & Rufino, L. (2020). *Encantamento: Sobre política de vida*. Mórula editorial.

Teixeira, R. R. (2015). As dimensões da produção do comum e a saúde. *Saúde e Sociedade*, 24(Supl.1), 27–43.

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/CsS5xwZcLWn3VbLNLTGVPdL/abstract/?lang=pt>

COMO CITAR ESSE TEXTO

Raccioni, T.M.; Santos, T.S.; Silva, L.P.A.; Costa, L.C.V.; Clemente, A.; Sampaio, J. (2026). Entre fronteiras e redes: migração Warao, saúde mental e direitos humanos em João Pessoa, PB. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 12, n.1, 102-117. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137entrefronteiras>

RECEBIDO EM:10/05/2025
APROVADO EM: 26/08/2025